

# POLÍTICA E POLÍCIA NO CAMPO DA DANÇA

HELENA KATZ\*

**O “FESTIVAL DE DANÇA” DA MOSTRA EVIDENCIA OBRAS LIGADAS À ALTERAÇÃO DE PERCEPÇÃO E AO EFEITO DE SUSPENSÃO - EM QUE A RELAÇÃO PALCO-PLATÉIA É EIXO FUNDANTE**

A Mostra SESC de Artes 2008 nos ajuda a pensar a situação da dança no Brasil. Se a coleção de espetáculos que ofereceu puder ser lida em uma moldura mais ampla, que localize o que propôs como parte de uma novíssima geopolítica em curso, a pergunta ‘o que mostrou a Mostra SESC de Artes 2008?’ terá como resposta: muito mais do que a qualidade da lista completa dos seus participantes.

Estaria a dança da Mostra SESC no papel de quem impõe questões no campo da dança ou no de quem responde a uma agenda já constituída? A proposta aqui é a de adaptar, para as especificidades da dança, o conceito de campo político proposto por Francisco de Oliveira no seu texto “Política numa era de indeterminação: opacidade e reencantamento” (2007). Diz ele que o que organiza um campo é a sua agenda de ações, e que “impor a agenda não significa necessariamente ter êxito, ganhar a disputa; antes, significa criar um campo específico dentro do qual o adversário é obrigado a se mover” (2007, p. 15).

## NOVOS PASSOS

Nesse sentido, a programação de dança da Mostra atua simultaneamente nos dois papéis. Além de se apresentar como um minifestival de dança nela abrigado, a própria data da sua realização (outubro) já a posiciona como um possível braço contributivo do Circuito de Festivais. Organizado a partir de 2005, esse circuito reúne os quatro grandes festivais brasileiros de dança, que acontecem entre outubro e novembro, a saber: FID - Fórum Internacional de Dança, Festival Panorama de Dança, Bienal de Dança do Ceará e Festival de Dança do Recife. Essa dupla articulação institucional – como uma mostra que carrega o nome SESC e como uma futura ‘colaboradora’ desse circuito – a posiciona como participante de uma nova geopolítica em implantação no campo brasileiro da dança.

A coincidência de datas revela algo que rebate na programação desses cinco eventos. Os quatro festivais decidiram se apresentar publicamente como um circuito para viabilizar uma programação cujos custos nenhum deles conseguiria enfrentar sozinho. O peso da rubrica SESC poderá vir a atuar justamente aí. Neste ano, já aconteceu um compartilhamento envolvendo o SESC, no seu apoio ao projeto de residência que reuniu o Cena 11 à Impure Company.

É ante a agenda de ações proposta pelo Circuito de Festivais, essa que vem desenhando uma nova demarcação no campo da dança, que a Mostra constrói a sua dupla articulação. Ao ecoar o fato de que oportunidades associativas geralmente se estabelecem no ajuste entre interesse e possibilidade, passa a reforçar uma linha divisora que separa as danças que são programadas daquelas que não são. Os territórios que daí resultam remetem ao que Boaventura Sousa Santos descreve como pensamento abissal:



Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo 'deste lado da linha' e o universo 'do outro lado da linha'. A divisão é tal que 'o outro lado da linha' desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente (2008, p. 1).

Pensar um festival como uma linha abissal significa entender que suas escolhas para o que vem para "o lado de cá" não somente desescolhem os não-programados, mas produzem a sua invisibilidade. "A força de uma invenção se expressa na capacidade de manter o adversário nos limites do campo criado pela proposta/resposta, e isso confere estabilidade ao campo político, mantendo a pauta e a agenda das questões", explica Francisco de Oliveira (2007, p. 16). Os atores do campo vivem praticando uma combinação entre força e consentimento. Não à toa, a agenda de ações busca pautar o que fazem, o que dizem, e como são os seus habitantes. Assim, torna-se possível designar cada qual por um nome, ao qual corresponderá um lugar apropriado no campo. Rancière explica que "é uma ordem do visível e do invisível que faz com que essa atividade seja visível e outra não o seja, que uma palavra seja entendida como discurso e a outra, como ruído" (1996, p. 42).

### FRONTEIRAS DISSOLVIDAS

Quando se atenta para a natureza da Mostra SESC de Artes 2008 percebe-se que ela se entende como um título guarda-chuva que, na verdade, abriga festivais simultâneos e segmentados de dança, teatro, música, artes visuais e literatura. A programação do seu "festival de dança" evidencia, embora mantenha uma sintonia fina com a do Circuito de Festivais, o desejo de espelhar os princípios escolhidos para nortear 2008: obras ligadas à alteração de percepção e ao efeito de suspensão, nas quais a relação palco-platêia se torna um eixo fundante. Ofereceu uma performance ao ar livre (*Lago amarelo*), uma instalação (grupo Aburussu), uma obra site specific (*Melt*) e um trabalho de dança e tecnologia (*Under-score*). Incluiu também produções como as de Bruno Beltrão, Wagner Schwartz, Vanilton Lakka e Cláudia Müller, que trabalham o deslocamento como a sua questão-guia.

As duas companhias internacionais envolvidas articulam dois eixos próximos: o do "nome incontestável" consagrado como referência pela mídia (Wim Vandekeybus) e o do "nome incontestável" mais jovem, reconhecido em circuitos ainda não tão amplos (Hooman Sharifi/Impure Company). E, no meio de tudo isso, uma ilha instigante: o projeto de residência entre o Cena 11 de Florianópolis e a Impure Company da Noruega/Irã.

Por que ilha? E por que instigante? Bem, é Rancière (1996) quem propõe uma leitura de mundo a partir dos conceitos de política e polícia. Para ele, a política acontece quando os sujeitos se propõem a enunciar as suas experiências de um modo que ainda não haviam praticado. Quando buscam

o que ainda não conheciam, estão experienciando um processo de subjetivação como desidentificação, justamente porque estão se abrindo para um espaço ainda não visitado.

O contrário disso é a lógica policial, a da lei. A polícia não se reduz à disciplinarização dos corpos; ela é a encarnação da lei, ou seja, é o dispositivo que permite, ou não permite, que algo apareça. A polícia está sempre situando um corpo em seu lugar e em sua função. Para Rancière, polícia e política são antagônicas. A polícia produz ordem, e a política, desordem; a política muda a destinação do corpo e do lugar, faz ver o que não podia ser visto, torna audível como discurso o que era ouvido como barulho.

Quando apresenta um estágio de um processo de residência (que havia começado em Florianópolis e continuou no Festival Panorama, um dos quatro do Circuito de Festivais), ou seja, quando trata um processo, um não-espetáculo, da mesma forma com que lida com toda a sua lista de produtos, a Mostra faz política, em meio a uma ação de polícia (a de manter a ordem com que se realizam os festivais de dança). "A polícia pode ser doce e amável. Continua sendo, mesmo assim, o contrário da política, e convém circunscrever o que cabe a cada uma delas", diz Rancière na página 43 do seu *O desentendimento*.

Felizmente, as fronteiras que cada campo monta não ficam para sempre congeladas, pois todo campo, porque se povoa de assimetrias entre quem impõe e quem tenta se mover fora da imposição, vive se abrindo para uma permanente reinvenção.

O SESC SP vem desempenhando importante papel como programador de dança em todo o estado, o que o coloca também na posição de proponente de uma agenda que sinaliza, para os artistas da dança, uma linha abissal que produzirá visibilidade e invisibilidade. O fato de serem muitas as suas unidades favorece a busca de uma pluralidade – característica fundamental quando se conversa sobre sobrevivência. Mas, evidentemente, mesmo amplo, todo recorte não deixa de atuar como uma linha abissal.

Refletir sobre a programação de dança da Mostra SESC de Artes 2008 como agente da linha abissal que os festivais desenhados podem colaborar para que, no campo da dança, mais e mais ações se tornem políticas, instabilizando a regulação que a programação-polícia faz.

### BIBLIOGRAFIA

- OLIVEIRA, Francisco de. "Política numa era de indeterminação: opacidade e reencantamento", em *A era da indeterminação*, org. Francisco de Oliveira e Cibele Saliba Rizek. Editora Boitempo, 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento. Política e filosofia*. Editora 34, 1996.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. "Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes" (texto inédito).

\* Professora do curso Comunicação das Artes do Corpo e do programa em Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Escreveu *Um, dois, três. A dança é o pensamento do corpo* (2005, FID Editorial), entre outros livros.